



DA JANELA DO ÔNIBUS EU VEJO

FROM THE BUS WINDOW I SEE

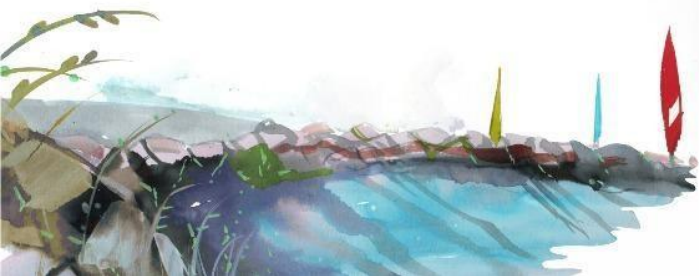
Bruno de Jesus Hartman¹
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho - FAAC
Associado ANPAP: **Não**

Resumo: Trata-se de um ensaio visual que propõe o modo de ver o cotidiano e a vivência comum de três cidades no Marrocos, capturas não convencionais – da janela de um ônibus – para intervir na quebra de expectativa partindo da paisagem também não convencional do conceito imagético "fotografias da África". Essa provocação para que se encontre uma cena comovente também faz parte da minha construção visual quando a produzo diretamente na qualidade preto-e-branco, modo que elimina a distração pela cor.

Palavras-chave: Fotografia. Cotidiano. Técnica. Cidades.

Abstract: *It is a visual essay that proposes a way of seeing everyday life and the common experience of three cities in Morocco, unconventional captures – from the window of a bus – to intervene in the breaking of expectations based on the also unconventional landscape of the imagery concept "photographs of Africa". This provocation to find a moving scene is also part of my visual construction when I produce it directly in black and white, a mode that eliminates the distraction of color.*

Keywords: *Photography. Everyday life. Technique. Cities.*



Da janela do ônibus eu vejo

Os registros foram feitos em novembro de 2024, durante três dos seis dias de percurso em um ônibus que atravessou o Marrocos até alguns quilômetros da fronteira com a Argélia. As capturas cercam pequenas cidades a caminho de Fez, um trecho extenso e rural entre Efroud e Ifrane e alguns povoados próximos a Merzouga. Essa série tem pouco espaço para denunciar. Esse conjunto incorpora a possibilidade de responder a algumas denúncias com a reorientação do olhar, com nova síntese da estética do que pensamos ser, do que deveria ser. Este ensaio esboça tanto respostas visuais quanto às questões que as permeiam. Diante de tantos contextos sociais que impactam o meio geográfico e econômico do Marrocos, a cultura, no seu aspecto mais vivo, está acontecendo ali fora, apesar de todo real e significativo apagamento secular que sofre. Assim, da janela da poltrona 29 eu vi muitos paralelos brasileiros do outro lado do atlântico. A qualidade preto-e-branco preserva a luz sob as texturas e enfatizam contrastes dramáticos, tornando a sombra uma força narrativa, seja em rostos ou objetos.

Poder imagético e construção de identidade me fazem pensar não apenas o alcance da marca, mas em como eu não pedi para conhecer o logo da Coca-Cola na casa da minha tia – de condição mais abastada – quando eu tinha meus sete anos, no interior de São Paulo e ainda assim ele persistiu nos outdoors, nos toldos de bar e às vezes na minha mesa, aparecendo para mim inclusive quando estou viajando num mochilão por uma estrada praticamente desértica no Marrocos. E se eu estivesse no Saara, seria uma miragem? *O poder da imagem*. À noite minha câmera de celular perdia parte da capacidade de registrar e isso foi somado ao desafio de capturar em movimento e evitar algumas luzes do ônibus.

Viandantes estavam em todo percurso, todos os três dias de viagem. Alguns seguiam pela estrada, sem tempo de olhar para trás. Outros olhavam para trás e estendiam o dedo. Me dá uma carona? Um esperava sentado com alguns pertences no chão. Caminhadas tranquilas, nem sempre solitárias. De certo modo, eu também estava seguindo estrada, é o que os rastros na fotografia mostram, porém eu não as conhecia, nunca tinha visto aquelas paisagens antes. Sem Internet, eu abria o mapa com a localização ligada e podia saber qual estrada o ônibus seguia, em direção a Fez. All mineral and Fossil. Chaque minéral et fossile. والأحفوريات المعادن كل. Todo mineral e fósil estampava um carro cuja pintura remetia a um carro policial americano de filmes antigos. Mas como assim fósseis? O que eu não daria para entender o comércio de fósseis em Marrocos. E um dia depois, numa parada de ônibus em Aarab Sebbah Ziz, uma mesa expunha algumas pedras em formatos diversos. Uma era redonda, eu achei curioso abri-la, então o vendedor disse algo – eu logicamente não entendi –, mas me atentei de novo a pedra e percebi que segurava um fósil. A sensação foi revigorante. Custava 16 euros, mas eu sabia que não fazia sentido trazer para casa. As cadeiras me lembraram peças dispostas num xadrez. Xequemate. Mas pode ter sido só o vento.

A ruptura do cotidiano capturada em alguns rostos durante a viagem em que meu ônibus passou pode ter sido o simples fato de ter passado um ônibus. Olhares foram tudo que consegui capturar nesses momentos.



Imagem 01. Bruno Hartman, sem título, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.²



Imagem 02. Bruno Hartman, sem título, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.



Imagem 03. Bruno Hartman, sem título, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.



Imagem 04. Bruno Hartman, Andante, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.



Imagem 05. Bruno Hartman, Carona, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.



Imagem 06. Bruno Hartman, Rebanho, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.



Imagem 07. Bruno Hartman, No recúo, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.



Imagem 08. Bruno Hartman, Todo mineral e fósil, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.



Imagem 09. Bruno Hartman, sem título, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.



Imagem 10. Bruno Hartman, *Aqueles que olhavam*, série *Pueblos*. Fotografia Digital P&B. Dimensões variáveis. Marrocos, África, novembro 2024. Bruno Hartman, 2024.



Referências

BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. 9° edição. Tradução de: La chambre claire: note sur la photographie.

CASTRO, Marina Ramos Neves de. A arte na sua cotidianidade: uma percepção de arte na Feira do Guamá. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, 2013. Programa de Pós-Graduação em Artes. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/7865>. Acesso em: 12 de jun. 2024.

PINNEY, Christopher; PETERSEN, Nicolas (Organization). Photography's other histories. Durham: Duke University Press, 2003.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção. 4ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006. p. 61-87.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Notas

1. Graduando em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – FAAC/Bauru. Integra o projeto coletivo de estudo crítico pelo PROAC-SP. Bolsista e proponente do projeto Residência em Práticas Museológicas e Curadoria pela COPE Conecta. Desenvolve o segundo projeto de Iniciação Científica PIBIC em modalidade ICSB. E-mail: b.hartman@unesp.br. Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/4223323516042102>.

2. As imagens possuem rastros, gradação da imagem, poucas intervenções e toda construção da qualidade borrada ou sem nitidez perfeita fazem parte da narrativa e contexto em que as fotos foram realizadas.